

Questões de Família: A Importância da Estrutura Familiar e da Integridade Familiar

Dr. Lynn D. Wardle<sup>1</sup>

Tradução – Giselle Groeninga

Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Direito de Família – *Família e Cidadania*

Ouro Preto, M.G., Brasil, 24-27 de Outubro de 2001

### 1. Introdução

Presidente Pereira, delegados e distintos membros do IBDFAM:

Estou honrado em haver sido convidado a falar nesta sessão do Congresso Brasileiro de Direito de Família, *Família e Cidadania*. Expresso minha enorme gratidão ao Presidente do IBDFAM, Rodrigo da Cunha Pereira, aos associados e diretores do IBDFAM que me convidaram e me encorajaram a participar, especialmente Dr. Luiz Edson Fachin e Dra. Rosana Fachin.

Como Presidente da International Society of Family Law (ISFL) os saúdo em nome de mais de 630 estudiosos do Direito de Família, juizes, funcionários do governo e profissionais de mais de 61 países que pertencem à ISFL. Nossa associação internacional de estudiosos existe para promover o estudo internacional e comparativo, e a discussão do Direito de Família. Nossa próxima conferência mundial será de 2-7 de Agosto de 2002 em Copenhagem, Dinamarca, e em Oslo, Noruega. Esperamos que a ISFL possa ser de serventia para os profissionais do Brasil que estejam interessados em questões do Direito de Família comparado e internacional. Esperamos encontrar formas de colaborar com o IBDFAM para o mútuo benefício de membros de ambas as sociedades. Em nome da International Society of Family Law eu estendo minha homenagem e respeito pelo trabalho que o IBDFAM e este Congresso estão realizando.

Nós vivemos em uma aldeia global. A televisão, os satélites, a internet, os telefones celulares, e muitas outras mídias nos conectam através dos rios, oceanos, montanhas, fronteiras e ravinas culturais por meios que nossos avós nunca poderiam imaginar. Há aproximadamente trinta anos atrás, em um discurso na Sociedade Americana para o Avanço da Ciência, em Washington, D.C., em 29 de Dezembro de 1972, um grande cientista, Edward N. Lorenz, sugeriu conexões globais ao perguntar: “O bater das asas de uma borboleta no Brasil desencadeia um tornado no Texas?”<sup>1</sup> Estudantes de direito comparado sabem que as interconexões globais não são somente

---

<sup>1</sup>Professor de Direito, J. Reuben Clark Law School, Brigham Young University, Provo, UT 84602, USA. Email: wardlel@lawgate.byu.edu. Partes deste trabalho foram publicadas anteriormente.

<sup>1</sup>Edward N. Lorenz, *The Essence of Chaos* 181 (1993).

ecológicas; elas também são convergências sociais, econômicas e legais.<sup>2</sup> Portanto, ao falar hoje da importância das famílias e da estrutura familiar na sociedade, estamos falando a respeito de questões globais e de preocupações internacionais. O que acontece em Vermont, E.U.A., ou Amsterdã, Holanda, afeta as famílias no Brasil.

Hoje, discutirei três questões: (1) As famílias importam à sociedade (2) A estrutura familiar importa à sociedade? e (3) A integridade familiar importa à sociedade? O grande escritor russo Leon Tolstoy sugeriu a resposta a estas perguntas no parágrafo inicial de *Anna Karenina*: “As famílias felizes são todas iguais; toda família infeliz é infeliz à sua própria maneira.” Tolstoy não quis dizer que as famílias precisam ser idênticas para ser felizes, mas que certos princípios são necessários para a felicidade e o sucesso na vida familiar, como em outras áreas do empreendimento humano; aqueles que vivem segundo estes princípios são geralmente felizes e aqueles que não, eventualmente não o são. As famílias importam, e a forma e integridade das famílias (essencialmente a definição e função das famílias) traz conseqüências tremendas para a sociedade e para os indivíduos.<sup>3</sup>

## *II O Porquê da Importância da Forma ou Estrutura Familiar*

A sabedoria convencional sustenta que a estrutura e a forma da família, na realidade, não importam, que a forma não tem um efeito significativo na substância ou qualidade do relacionamento e nem conseqüências significativas para a sociedade. A sobrevivência deste mito é surpreendente porque atualmente se tem irrefutável evidência empírica que a estrutura ou forma da família são de grande importância para a felicidade individual e para a estabilidade social. Todos os relacionamentos não são iguais na vida real. A família baseada no casamento é singularmente benéfica para o bem estar dos indivíduos e das sociedades. Por exemplo, a coabitação não marital, ter e criar filhos fora do laço matrimonial, e uniões do mesmo sexo, têm aumentado dramaticamente em muitas nações. No entanto, a evidência é esmagadora de que estas “formas familiares” alternativas são arautos de grande sofrimento para os indivíduos e causas de substancial desastre social e econômico para as nações.

### *A. As Conseqüências da Coabitação Não Marital*

---

<sup>2</sup>Como disse um grande estudioso de direito comparado: “O direito consuetudinário e o direito civil estão caminhando por estradas paralelas, em direção a um destino comum.” John Henry Merryman, *On the Convergence (and Divergence) of the Civil Law and the Common Law*, 17 Stan. J. Int'l L. 357, 388 (1981).

<sup>3</sup>*Ver de modo geral* Lynn D. Wardle, *The Fundamental Importance of Laws Protecting the Marriage-Based Family*, in Liber Amicorum, Marie-Thérèse-Muelders-Klein, *Droit Comparé des Personnes et de la Famille* 639-659 (Bruylant Bruxelles, 1998); Lynn D. Wardle, *Same-sex Marriage and the Limits of Legal Pluralism*, in *The Changing Family* 381-396 (Oxford, Hart Publishing, 1998); Lynn D. Wardle, *Legal Claims for Same-Sex Marriage: Efforts to Legitimize a Retreat from Marriage by Redefining Marriage*, 39 So. Tex. L. Rev. 735-768 (1998); Lynn D. Wardle, *Liberty Equality & the Quest for Family Justice in the United States* in *Familles & Justice* 208-229 (Brussels: Bruylant, 1997).

A coabitação não marital aumentou nos EUA, especialmente entre os jovens. Como demonstra o apêndice A, entre 1970 e 1999, a coabitação não marital aumentou mais de 800 por cento nos EUA, de meio milhão para aproximadamente 4,5 milhões; entre pessoas abaixo de 25, o aumento foi de 1600 por cento, de 55.000 para 824.000. O número de casais não maritais, que têm crianças abaixo de 15 morando com eles, subiu quase 800 por cento, de 196.000 para mais de 1,5 milhão de casais. Em 1997 aproximadamente metade das mulheres não casadas entre a idade de 25 e 39 relataram que haviam coabitado, e quase um quarto destas mulheres ainda viviam com um parceiro não marital.<sup>4</sup>

A coabitação não marital foi amplamente examinada por cientistas sociais e descobriu-se que acarretam riscos significativos no que diz respeito à maioria das razões e metas da coabitação não marital. Por exemplo, casais não casados que coabitam têm uma renda familiar inferior, de 7200 dólares por adulto, comparada a 10.800 dólares para os casais casados; e as crianças que moram com casais que coabitam, tem uma probabilidade até quatro vezes maior de viver abaixo do nível de pobreza, do que crianças vivendo com casais casados.<sup>5</sup> “Enquanto que em 1996 o índice de pobreza para crianças vivendo em lares de casais casados era ao redor de 6%, para crianças morando em lares de coabitantes era de 31% . . . .”<sup>6</sup>

A coabitação não é tão estável ou de longa duração como o casamento; menos de um terço de todo relacionamento de coabitação sobrevive cinco anos, e a coabitação antes do casamento “atualmente leva a casamentos cada vez menos estáveis,” e “enfraquece a instituição do casamento minando ‘seu alicerce central de continuidade’.”<sup>7</sup> Os casamentos que se iniciam sem coabitação anterior tinham 45% a 55% menos probabilidade de serem dissolvidos do que aqueles que se iniciaram com coabitação; e a probabilidade de dissolução, em qualquer intervalo de seis meses, é de 63% a 71% menor, se o casamento não foi precedido de coabitação.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup>David Popenoe & Barbara Dafoe Whitehead, *Should We Live Together? What Young Adults Need to Know about Cohabitation before Marriage, A Comprehensive Review of Recent Research* at 3 (The National Marriage Project: The Next Generation Series, 1999).

<sup>5</sup>W.D. Manning & D.T. Lichter, *Parental Cohabitation and Children's Economic Well-Being*, 58 J. Marr. & Fam. 998 (1996) as described in 29 Fam. Plng. Persp. 143 (1997).

<sup>6</sup>Popenoe and Whitehead, *supra* at 8.

<sup>7</sup>Zheng Wu & T.R. Balakrishnan, *Dissolution of Premarital Cohabitation in Canada*, 32 Demography 521, 526, 529 (1995).

<sup>8</sup>Jay D. Teachman, Jeffrey Thomas, & Kathleen Paasch, *Legal Status and the Stability of Coresidential Unions*, 28 Demography 571, 579 (1991).

“Os casais cohabitantes têm índices maiores de violência do que casais casados. A violência grave [em um estudo] era quase cinco vezes mais provável nas relações de coabitação [do que nos casamentos].”<sup>9</sup> Da mesma forma,

Um estudo inglês de 1993 realizado pelo Family Education Trust, utilizando dados, de casos documentados, de abuso e negligência de crianças, entre 1982 e 1988, encontrou um alto grau de correlação entre abuso de crianças e o estado marital dos pais.... Especificamente, o estudo inglês encontrou que --- comparado com uma família nuclear estável – a incidência de abuso era 33 vezes maior quando a mãe estava vivendo com um namorado não aparentado da criança. E, mesmo quando o namorado residente no lar, era o pai biológico da criança, as chances de abuso ainda eram 20 vezes mais prováveis.<sup>10</sup>

Em sua revisão exaustiva dos dados científicos a respeito de coabitação não marital, Dr. Popenoe e Whitehead relataram que “os relacionamentos de coabitação tendem a ser menos satisfatórios do que os de casamento.”<sup>11</sup> Eles também observaram que: “Os índices anuais de depressão entre casais cohabitantes são mais do que três vezes o índice entre os casais casados. E as mulheres, nos relacionamentos de coabitação, têm mais probabilidade de sofrer abuso psíquico e sexual.”<sup>12</sup> Homens que coabitam, têm quatro vezes mais probabilidade, do que maridos, de trair suas parceiras, e as mulheres cohabitantes tem oito vezes mais probabilidade, do que as esposas, de serem infiéis a seus parceiros.<sup>13</sup> A coabitação é claramente uma forma de relacionamento que é instável, perigosa, socialmente prejudicial.

#### *B. As Conseqüências da Criação de Filhos Fora do Laço Conjugal*

O último quarto de século tem assistido, em vários países, a um dramático aumento na criação de filhos por mulheres não casadas, inclusive nos EUA. Apêndice B mostra que, nos EUA, o índice de crianças nascidas fora do laço conjugal tem subido muito rapidamente, em mais de 600% nos últimos quarenta anos. Em 1960, 5% de todos

---

<sup>9</sup>Dean M. Busby, *Violence in the Family* in Family Research, a 60-Year Review, 1930-1990 at 361 (Steven G. Bahr, ed., 1991).

<sup>10</sup>Faith Abbot, *No Bomb, No Book*, The Human Life Rev., Winter 1998, at 31, 43.

<sup>11</sup>*Id.* at 6.

<sup>12</sup>*Id.* at 7.

<sup>13</sup>*The Marriage Movement: A Statement of Principles*, <[www.marriagemovement.org](http://www.marriagemovement.org)>, (June 29, 2000).

os nascimentos se davam fora do laço conjugal; em 2000 um terço de todos os nascimentos, nos EUA, eram de crianças nascidas fora do laço conjugal. Entre 1980 e 1998, a proporção de crianças vivendo com um pai, nunca antes casado, aumentou em 300 por cento nos Estados Unidos.<sup>14</sup> No último ano (em 2000) 1.346.000 crianças nasceram em lares sem um pai nos USA.<sup>15</sup>

Crianças nascidas fora do laço conjugal, ou criadas sem um dos pais, são semi-órfãos e sua qualidade e oportunidades de vida são substancialmente restringidas, em comparação com crianças nascidas e criadas com uma mãe e um pai. Por exemplo, o Apêndice C mostra que a renda familiar está diretamente ligada à estrutura familiar; famílias baseadas no casamento ganham muito mais do que as divorciadas ou as não casadas. Consequentemente, não deve vir como surpresa, que a pobreza infantil é mais diretamente causada por pais que cuidam sós de seus filhos do que qualquer outro fator, como mostra o Apêndice D. Mais da metade do aumento na pobreza infantil, nos Estados Unidos, entre 1980 e 1988 "pode ser atribuída às mudanças na estrutura familiar, durante os anos 80."<sup>16</sup> O governo dos EUA relata que crianças que crescem sem um pai em casa têm "cinco vezes mais probabilidade de viver na pobreza, comparadas com crianças vivendo com ambos os pais."<sup>17</sup> William Galston, que trabalhou como Consultor de Política Doméstica para o Presidente nos anos 90, disse simplesmente que "a família com ambos pais é a melhor proteção da criança contra a pobreza."<sup>18</sup>

A separação da criança de seus pais é "o motor que dirige nossos mais urgentes problemas sociais, dos crimes à gravidez de adolescentes, ao abuso de crianças, à violência doméstica contra mulheres."<sup>19</sup> Por exemplo, o Apêndice E mostra que crianças em famílias de um só pai têm um maior índice de atividade sexual, e o Apêndice F mostra que crianças em famílias com um só progenitor têm maiores índices de nascimentos de adolescentes.<sup>20</sup> Crianças crescendo em lares com um só dos pais encontram-se sob risco maior de abuso de drogas

---

<sup>14</sup>Statistical Abstract of the United States, 1999 at 67, Table No. 83.

<sup>15</sup>Statistical Abstract of the United States 1994 at 80; *id.* 1996 at 79; *id.* 1997 at 79; *id.* 2000 at 70.

<sup>16</sup>David J. Eggebeen & Daniel T. Lichter, Race, Family Structure, and Changing Poverty Among American Children, 56 Am. Soc. Rev. 801, 806 (1991). Além do mais, o estudo indicou que, "de acordo com William Galston, ... o índice de pobreza infantil hoje seria um terço mais baixo se a estrutura familiar não houvesse mudado tão dramaticamente desde 1960. Cincoenta e um por cento do crescimento na pobreza infantil observado durante os anos 80's pode ser atribuído a modificações na estrutura familiar neste período." *Id.*

<sup>17</sup>U.S. Dept. Of Health and Human Services, National Center for Health Statistics, *survey on Child Health* (Washington D.C., U.S. Gov't Printing Office, 1993).

<sup>18</sup>William A. Galston & Elaine Ciulla Kamarck, Putting Children First: A Progressive Family Policy for the 1990s 12 (1990).

<sup>19</sup>David Blankenhorn, *Fatherless America: Confronting Our Most Urgent Social Problem* 1 (1995).

<sup>20</sup>*See id.* at 66.

quando na adolescência,<sup>21</sup> como demonstra o Apêndice G. O eminente pesquisador, Dr. Urie Bronfenbrenner, relatou que mesmo depois de controlados fatores tais como baixa renda, “crianças crescendo em lares de um só pai encontram-se sob maior risco de experimentar uma variedade de problemas comportamentais e educacionais, incluindo ..... fumar, beber, experiência sexual precoce e freqüente e, em casos extremos, drogas, suicídio, vandalismo, violência e atos criminosos.”<sup>22</sup>

Várias pesquisas demonstram que crianças vivendo separadamente de seus pais estão muito mais propensas, do que outras crianças, de serem expulsas ou suspensas da escola, em manifestar problemas emocionais ou comportamentais, em ter dificuldade de relacionar-se com seus companheiros, e de envolver-se em problemas com a polícia. “Elas tem menos sucesso no desempenho de atividades educacionais, [e] tem mais problemas de ajustamento social . . . .”<sup>23</sup> O Apêndice H mostra que crianças criadas com dois pais tem maiores índices como estudantes com performance muito boa, e o Apêndice I mostra que elas tem uma probabilidade de até um terço menor de deixar a escola e de até dois terços menor de abandonar a faculdade, do que crianças criadas em outra estrutura familiar.

A relação entre o comportamento criminal adolescente (especialmente masculino) e a estrutura familiar é há muito conhecida. De acordo com um estudo de 1990 autorizado pelo Progressive Policy Institute, a "relação entre crime e famílias de só pai" é "tão forte que o controle da configuração familiar apaga a relação entre raça e crime, e entre baixa renda e crime."<sup>24</sup> A probabilidade que um jovem rapaz “venha a se envolver em atividade criminal dobra se ele for criado sem um pai, e triplica se ele vive em uma vizinhança com uma alta concentração de famílias monoparentais.”<sup>25</sup> Uma recente declaração de estudiosos da família apontou que : “Meninos criados fora de casamentos intactos tem três vezes mais probabilidade de cometer crimes que levam à prisão, quando chegam nos

---

<sup>21</sup>Rhonda E. Denton & Charlene M. Kampfe, *The Relationship Between Family Variables and Adolescent Substance Abuse: A Literature Review*, 114 *Adolescence* 475 (1994).

<sup>22</sup>Urie Bronfenbrenner, *Discovering What Families Can Do* in David Blankenhorn, et al, eds., *Rebuilding the Nest: A New Commitment to the American Family* \_\_ (Milwaukee, 1990).

<sup>23</sup>*See id.* at 66.

<sup>24</sup>Blankenhorn, *supra*, at 31.

<sup>25</sup>M. Anne Hill & June O’Neill, *Underclass Behaviors in the United States: Measurement and Analysis of Determinants* (New York, City University of New York, 1993).

meados de 30 anos, mesmo depois de controlar para as variáveis de raça, origem familiar, qualidade da vizinhança, e habilidade cognitiva.<sup>26</sup>

A evidência é inegável. Crianças nascidas fora do casamento têm uma desvantagem substancialmente maior na vida e são a fonte de problemas e custos sociais desproporcionais. Evidentemente, a estrutura familiar faz uma profunda diferença para as crianças e portanto para a sociedade.

### C. *As Conseqüências das Uniões do Mesmo Sexo*

Relacionamento com o mesmo sexo é uma outra forma de família alternativa que tornou-se popular em muitos ciclos acadêmicos e culturais. Casamentos do mesmo sexo nunca foram legais, em nenhum país em época alguma na história – até este ano quando a Holanda tornou-se a primeira jurisdição na história a permitir casamentos do mesmo sexo. No entanto, outros poucos países, principalmente na Europa, criaram uma nova relação quasi-casamento chamada “parceria doméstica” com alguns dos privilégios dados ao casamento. Dinamarca, Islândia, Noruega, Suécia e os Países Baixos têm leis de parceria doméstica, que são quase como casamentos, no que tange os incidentes econômicos do relacionamento, enquanto que a Alemanha, França e algumas outras jurisdições têm leis de parceria doméstica menos compreensivas. Somente um estado dos EUA até agora adotou leis de parceria doméstica comparáveis às dos países nórdicos. Depois que Suprema Corte de Vermont decidiu que negar aos casais do mesmo sexo o direito ao casamento violava a constituição, o legislativo de Vermont passou uma lei criando as “Uniões Civis.”<sup>27</sup> Ela provê um status legal para os casais do mesmo sexo com direitos e obrigações similares ao casamento realizado por autorização. No entanto, trinta e seis estados Americanos adotaram leis rejeitando expressamente as uniões do mesmo sexo, e em todo estado Americano em que a questão da legalização do casamento de mesmo sexo foi colocada para os eleitores para aprovação, os votantes rejeitaram-na de modo esmagador: 69-29 no Havaí, 69-31 no Alaska, 61-39 na Califórnia, 70-30 em Nebraska, e 70-30 em Nevada. Então, é provável que somente poucos, se é que algum outro estado vai reconhecer as uniões civis de Vermont.

Há razões para preocupação com a legalização do casamento de mesmo sexo. O grande escritor francês, Alexis de Tocqueville, observou: “Quando a idéia de família torna-se vaga, indeterminada, e incerta, um homem

---

<sup>26</sup>*The Marriage Movement: A Statement of Principles*, <[www.marriagemovement.org](http://www.marriagemovement.org)>, (June 29, 2000) citing Cynthia C. Harper and Sara S. McLanahan, 1998, “Father Absence and Youth Incarceration,” trabalho apresentado no encontro anual da American Sociological Association (San. Francisco, Aug. 1998).

<sup>27</sup>15 V.S.A. § 1201, entrou em vigência em 2000.

pensa a respeito de sua conveniência atual; ele provê para o estabelecimento da próxima geração que o sucede e não mais.<sup>28</sup>

Um estudo de relações de violência, em uma amostra de 283 gays e lésbicas, revelou “que 47.5% das lésbicas e 29.7% dos gays haviam sido vítimas do parceiro do mesmo sexo. E ainda, lésbicas relataram um índice total de perpetração [de violência doméstica] de 38% comparado com 21.8% para os homens gays.”<sup>29</sup> Outros estudos com índices de abuso variando de 30% a 75%, dependendo da definição de violência, espaço de tempo e técnicas de amostragem.<sup>30</sup> Um estudo relatou que aproximadamente 31% das lésbicas tinham sexo contra sua vontade em comparação com 18% das mulheres heterossexuais.<sup>31</sup> Aproximadamente 12% dos homens gays foram forçados a ter sexo comparados com 4% de homens heterossexuais.<sup>32</sup> “Este corpo de evidências sugere coletivamente. . . que gays e lésbicas tem um maior índice de coerção sexual do que o experimentado pelos seus contrapartes heterossexuais.”<sup>33</sup>

Unões do mesmo sexo também minam o casamento enquanto uma instituição. Visto que o casamento heterossexual é claramente a instituição ideal para a criação de filhos, a erosão do casamento e o crescimento de “alternativas” para o este, incluindo casamento do mesmo sexo, traz uma séria preocupação.

---

<sup>28</sup>Alexis de Tocqueville, *Democracy in America*, ch. 3, at 49-50 (New York: Alfred A. Knopf, 1945) (originalmente publicado em 1835).

<sup>29</sup>Lisa K. Waldner-Haugrud, Linda Vaden Gratch & Brian Magruder, *Victimization and Perpetration Rates of Violence in Gay and Lesbian Relationships: Gender Issues Explored*, 12 *Violence & Victims* 173 (1997). Ver também Lisa K. Waldner-Haugrud & Linda Vaden Gratch, *Sexual Coercion in Gay/Lesbian Relationships: Descriptive and Gender Differences*, 12 *Violence and Victims* 87 (1997).

<sup>30</sup>*Id.* citando P.A. Brand & A.H. Kidd, *Frequency of Physical aggression in heterosexual and female homosexual dyads*, 59 *Psychological Reports* 1307 (1986) (30% relataram ter sofrido abuso em relações lésbicas); M.J. Bologna, C.K. Waterman & L.J. Dawson, *Violence in Gay male and lesbian relationships: Implications for practitioner and policy makers*, Trabalho apresentado na Third National Conference for Family Violence Researchers, Durham, NH (July 1987) (50% de abuso em relacionamentos de lésbicas); C.K. Waterman, L.J. Dawson & M.J. Bologna, *Sexual coercion in gay male and lesbian relationships: Predictors and implications for support services*, 26 *J. Sex Res.* 118 (1989) (31% índice de abuso); R. Schlit, G. Lie & M. Montagne, *Substance use as a correlate of violence in intimate lesbian relationships*, 19 *J. Homosexuality* 51 (1990) (38% lesbian partner abuse); G. Lie & S. Gentlewarrior, *Intimate violence in lesbian relationships: Discussion of survey findings and practice implications*, 15 *J. Social Serv. Res.* 41 (1991) (52% abuso por lésbicas), C. Renzetti, *Building a second closet: third party responses to victims of lesbian partner abuse*, 38 *Fam. Relations* 157 (1989) and C. Renzetti, *Violent betrayal: Partner abuse in lesbian relationships* (Sage 1992) (71% relataram aumento na severidade e frequência de abuso ao longo do tempo); L.L. Lockhart, B.A. White, V. Causby, & A. Isaac, *Letting out the secret: Violence in lesbian relationships*, 9 *J. Interpersonal Violence* 469 (1994) (25% em andamento; 75% em qualquer instância).

<sup>31</sup>D. Duncan, *Prevalence of sexual assault victimization among heterosexual and gay/lesbian university students*, 66 *Psychological Reps.* 65 (1990).

<sup>32</sup>J.L. Baier, M.G. Rosenzweig & E.G. Whipple, *Patterns of sexual behavior, coercion, and victimization of university students*, 32 *J. College Student Development* 310 (1991).

<sup>33</sup>Amy J. Wise & Sharon L. Bowman, *Comparison of Beginning Counselors' Responses to Lesbian vs. Heterosexual Partner Abuse*, 12 *Violence and Victims* 127 (1997).



A evidência é inegável de que estas três “estruturas alternativas” para as relações familiares apresenta riscos severos e de longa duração para as famílias, indivíduos e para a sociedade. A “forma” das relações familiares está diretamente relacionada com a “qualidade” das relações familiares, e consequentemente, com a qualidade da virtude cívica, cidadania, problemas sociais, e vida pública.

### III. *O Porquê da Importância da Integridade Familiar*

“A integridade familiar” significa a preservação da fidelidade para com a integridade e continuidade da família matrimonial. Atualmente, duas formas de assalto à integridade da família são exuberantes – divórcio e infidelidade. Os problemas causados pela perda da integridade familiar são dolorosos e profundos.

#### A. *As Conseqüências do Divórcio*

Com a legalização do divórcio unilateral sem culpa (pedido de divórcio) nos anos 70, o índice de divórcio e o número de divórcios aumentou dramaticamente nos Estados Unidos, e em muitas outras nações, como demonstra o Apêndice J.<sup>34</sup> A proporção de pessoas divorciadas, em relação às pessoas casadas morando com esposos, quadruplicou entre 1960 e 1990.<sup>35</sup> Atualmente, nos Estados Unidos há aproximadamente um divórcio para cada dois casamentos todo ano,<sup>36</sup> e apesar do índice de nascimentos diminuir, mais de um milhão de crianças experimenta o divórcio parental a cada ano.<sup>37</sup>

Após trinta anos de experiência com o divórcio unilateral sem culpa na América, uma coisa está clara: O estilo Americano de divórcio unilateral sem culpa é um desastre não diminuído para todos (adultos e crianças) e para a sociedade (que paga o preço de recolher as peças quebradas).

A Professora Linda J. Waite, uma renomada demógrafa, resumiu alguns das evidências sociais científicas dos substanciais benefícios, em estar casado, para os indivíduos.<sup>38</sup> Por exemplo, comportamento envolvendo riscos significativos para a saúde (incluindo uso de maconha, beber e dirigir, uso abusivo de drogas, e

---

<sup>34</sup>Lynn D. Wardle, *No-Fault Divorce and the Divorce Conundrum*, 1991 B.Y.U. L. Rev. 79, 141, App. 4 (em 1965 haviam 479.000 divórcios e o índice de divórcios por 1.000 na população era 2,5; em 1985 houveram 1.190.000 divórcios e o índice de divórcio era 5.0).

<sup>35</sup>NIJOLE V. BENOKRAITIS, *MARRIAGES AND FAMILIES* 19 (1993).

<sup>36</sup>Em 1994 ocorreram 2.362.000 casamentos e 1.191.000 divórcios. The United States Bureau of the Census, *Statistical Abstract of the United States: 1996*, at 74, table 90 (1996).

<sup>37</sup>Por exemplo, em 1990 haviam 1.075.000 crianças envolvidas em divórcios. *Statistical Abstract of the United States: 1996*, The United States Bureau of the Census, pg. 105, table 150.

<sup>38</sup>Linda J. Waite, *Does Marriage Matter?* 32 *DEMOGRAPHY* 483 (1995).

incapacidade em manter um estilo de vida ordenado) é substancialmente maior para homens e mulheres divorciados, do que tanto para homens e mulheres viúvos ou casados.<sup>39</sup> Homens e mulheres casados enfrentam riscos menores de morrer, em qualquer época, do que outras pessoas. O percentual de mulheres Americanas de 45 anos de idade, divorciadas e nunca casadas, que sobrevivem até os 65 anos é ao redor de sessenta e três por cento, enquanto que o percentual de casadas que sobrevivem é ao redor de oitenta e cinco por cento; igualmente, ao redor de sessenta e três por cento de homens, divorciados e nunca casados, sobrevivem dos quarenta e oito a sessenta e cinco, comparados com oitenta e cinco por cento dos homens casados.<sup>40</sup> A taxa geral de morte por doença coronária e uma série de outras doenças físicas, afligem os divorciados e separados muito mais do que os casados, assim como tentativas de suicídio e acidentes.<sup>41</sup> “O risco de um paciente de hospital vir a requerer enfermagem no domicílio é duas vezes e meia maior para pessoas não casadas [do que pessoas casadas], mesmo levando-se em consideração a severidade da doença, o diagnóstico, a idade, o gênero e a raça.”<sup>42</sup> “Comparado às pessoas casadas, os não casados . . . têm maior taxa de mortalidade do que os casados: ao redor de 50 por cento maior entre as mulheres e 250 por cento maior entre os homens.”<sup>43</sup>

Homens e mulheres casados relatam taxas significativamente maiores de satisfação emocional e física em seus relacionamentos sexuais.<sup>44</sup> Um estudo recente da relação entre o status marital e a felicidade individual relatou que a forte correlação positiva entre o status marital e a felicidade pessoal existe em dezesseis ou dezessete nações estudadas.<sup>45</sup> O relatório demonstrou que estar casado aumenta a felicidade igualmente para homens e mulheres, e que o casamento estava, mais do que três vezes, diretamente associado com a felicidade, do que na coabitação não marital. Pessoas casadas na América usufruem relações sexuais com mais frequência e acham-na mais satisfatória do que divorciados ou não casados (incluindo cohabitantes). A saúde mental, incluindo índices de admissão em instituições de saúde mental, e registro de pacientes externos em serviços de saúde mental, é significativamente

---

<sup>39</sup>*Id.* at 486-488.

<sup>40</sup>*Id.* at 488-489.

<sup>41</sup>JAMES LYNCH, *THE BROKEN HEART: THE MEDICAL CONSEQUENCES OF LONELINESS* 51, 152, 244 (1977).

<sup>42</sup>*The Marriage Movement: A Statement of Principles*, <[www.marriagemovement.org](http://www.marriagemovement.org)>, (June 29, 2000) citing Howard S. Gordon and Gary E. Rosenthal, 155 *Arch. Internal Med.* 2465-71 (1995).

<sup>43</sup>*The Marriage Movement: A Statement of Principles*, <[www.marriagemovement.org](http://www.marriagemovement.org)>, (June 29, 2000) citando Catherine E. Ross, John Mirowsky, & Karen Goldsteen, *The Impact on the Family on Health: Decade in Review*, 52 *J. Marr. & Fam.* 1059 (1990).

<sup>44</sup>Waite, *supra* at 489-492.

<sup>45</sup>Steven Stack & J. Ross Eshleman, *Marital Status and Happiness: A 17-Nation Study*, 60 *J. MARR. & FAM.* 527 (1998).

menor pra pessoas casadas do que para divorciadas ou separadas.<sup>46</sup> Pessoas casadas têm índices menores de depressão, suicídio, uso de drogas de alcoolismo.<sup>47</sup>

Homens e mulheres casados também tem mais prosperidade. A riqueza média, por residência, per capita para indivíduos casados nos EUA (per capita, não por casal) é entre \$65-70.000, enquanto que para divorciados ela é de \$33.670, para nunca casados \$35.000, e para indivíduos viúvos \$42.275.<sup>48</sup>

O casamento dos pais também provê benfícios substanciais para as crianças, como dito anteriormente. O risco de abandonar o segundo grau, para filhos de famílias monoparentais, é substancialmente maior do que para filhos de famílias com dois pais. Filhos que passaram parte de seus anos de crescimento em famílias monoparentais relatam, quando adultos, relações de qualidade significativamente pior com seus pais.<sup>49</sup> E enquanto que a causa é sempre difícil de provar, “o efeito positivo do casamento no bem estar é forte e consistente, e a seleção de psicologicamente saudável no casamento ou psicologicamente infeliz fora do casamento [e outras variáveis ] não pode explicar o efeito.”<sup>50</sup> Há extensa literatura testemunhando as conseqüências geralmente negativas do rompimento matrimonial para as crianças de uma família separada," incluindo luto, mágoa, raiva, abandono, agressão, regressão, auto-estima rebaixada, etc.<sup>51</sup> A evidência é esmagadora, quando os pais não vivem com seus filhos, contato, compromisso e contribuição do pai para a vida do filho decresce.<sup>52</sup> Os efeitos da dor que os filhos do divórcio experimentam perduram, às vezes, a vida toda. Uma pesquisadora relatou:

Nenhum adulto em minha amostragem, em qualquer idade, considerava a separação de seus pais como irrelevante para seu bem-estar. A maioria descreveu o evento como o mais traumático de suas vidas (e, surpreendentemente para mim, a amostragem incluía alguns homens e mulheres que suportaram o pior que a Segunda Guerra Mundial ofereceu). Além do mais, para estes adultos, as memórias da separação e

---

<sup>46</sup>Bloom, Asher & White, *Marital Disruption As A Stressor: A Review and Analysis*, 85 PSYCHOL. BULL. 867, 869 (1978).

<sup>47</sup>*The Marriage Movement: A Statement of Principles*, <[www.marriagemovement.org](http://www.marriagemovement.org)>, (June 29, 2000).

<sup>48</sup>Waite, *supra* at 492-93.

<sup>49</sup>*Id.* at 493-95.

<sup>50</sup>*Id.* at 497-98.

<sup>51</sup>Bloom, *supra* at 877. *Ver de modo geral* Judith Wallerstein and Joan Kelly, SURVIVING THE BREAKUP: HOW CHILDREN AND PARENTS COPE WITH DIVORCE 55-95, 282 (1980).

<sup>52</sup>Frank F. Furstenberg, Jr. & Andrew Cherlin, *Divided Families: What Happens to Children When Parents Part* (Harvard Univ. Press, 1991).

eventos subseqüentes foram tão claros, acentuados, claros e dolorosos quanto a visita de ontem ao dentista.”<sup>53</sup>

\*\*\*

Todos os adultos que entrevistei sentiram que o divórcio [de seus pais] em suas infâncias havia alterado e atrofiado suas perspectivas relações matrimoniais plenas e felizes. Muitos disseram que em sua juventude estavam determinados que nunca teriam seus próprios filhos – haviam inclusive colocado isto como condição para um casamento no futuro. Mesmo depois de quarenta ou cinquenta anos, estes antes “crianças divorciadas” tinham medo do compromisso, incerteza quanto a sua habilidade em manter relacionamentos duradouros. Alguns, eles mesmos divorciados, culpavam especificamente seus pais pelas próprias falhas matrimoniais. . . .”<sup>54</sup>

Assim, a integridade do casamento e a des-integração do casamento pelo divórcio importa à sociedade.

G.K. Chesterton fez a famosa declaração que devemos "considerar um sistema que produz muitos divórcios como fazemos com um sistema que leva os homens a afundarem ou a atirarem em si mesmos.”<sup>55</sup>

#### *B. As Conseqüências da Infidelidade Matrimonial São Iguamente Devastadoras*

Incrivelmente, um dos maiores mitos que sobrevivem por séculos, é o de que a infidelidade de um dos pais somente fere o cônjuge adulto, mas não afeta as crianças. No entanto, há evidência esmagadora que os filhos sofrem enormemente quando seus pais são infiéis um com o outro.

O efeito da infidelidade parental sobre os filhos é comparável ao efeito do alcoolismo parental ou da dependência de drogas sobre as crianças.<sup>56</sup> Todas as crianças “confiam na estabilidade do casamento e da família.”<sup>57</sup> A infidelidade abala o alicerce de seu mundo. Ela ameaça a integridade dos relacionamentos essenciais de suas vidas. Ela destrói a confiança sobre a qual a sua visão de mundo é contruída.

As crianças, frequentemente, culpam a si mesmas pelos problemas dos pais; as crianças pensam que foi por causa de algo que fizeram, ou disseram, ou falharam em fazer, ou talvez por causa de seus maus pensamentos ou

---

<sup>53</sup>Warner Troyer, *Divorced Kids* 146 (Harcourt Brace Javonovich 1979).

<sup>54</sup>Troyer, 146.

<sup>55</sup>G.K. Chesterton, *The Superstition of Divorce*, Ch. II (1920) at <<http://www.dur.ac.uk/~dcs6mpw/gkc/books/divorce.txt>>.

<sup>56</sup>Frank Pittman, *Private Lies, Infidelity and the Betrayal of Intimacy* 268 (1989).

<sup>57</sup>Pittman at 260.

desejos diabólicos.<sup>58</sup> “Crianças pequenas, cujos pais são infiéis um para com o outro, frequentemente desenvolvem sintomas de insegurança, regredindo para um comportamento próprio de crianças menores. Elas podem apresentar sintomas de ansiedade, com agarrar-se, molhar a cama, chupar o dedo, por fogo, birra, terrores noturnos – de fato, qualquer coisa que pareça uma resposta apropriada para o medo de que sua família possa ser destruída.”<sup>59</sup> Em resposta à infidelidade parental “dificuldades podem aparecer sob a forma de desafio, recusa em comer, irritabilidade, disputabilidade, palhaçadas, afastamento, enuresis, birra, ociosidade, sonhar acordada, desatenção, sonambulismo ou baixo rendimento escolar.”<sup>60</sup>

Entre as crianças mais velhas, a atuação é uma resposta comum. “Roubo em lojas, fugir de casa, e colocar fogo na casa são formas freqüente de atuação. Estes comportamentos podem ter certa propriedade metafórica.”<sup>61</sup> “Tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes são uma resposta freqüente ao adultério parental. . . . A criança está perguntando, ‘Quem é mais importante? Seu filho ou seu caso?’ . . . Se os sintomas ou truques para chamar a necessária atenção, não forem eficazes, a criança pode tentar se desligar de seus pais não confiáveis.”<sup>62</sup> O rendimento escolar pode cair dramaticamente.<sup>63</sup> Um psiquiatra com vasta experiência no tratamento destas questões observa: “Os traumas de infidelidade e divórcio são opressivos para crianças em qualquer idade, mesmo crianças que tem 50 anos de idade e são avós. Mas talvez sejam mais duros para os adolescentes.”<sup>64</sup> “A inabilidade de um pai em manter controle sexual pode ser amedrontadora, estimulante, e permissiva para um filho adolescente’. . . . Classicamente, eles podem tanto se tornarem promíscuos . . . ou podem eles mesmos se tornarem sexualmente indesejáveis.”<sup>65</sup> E mais ainda, uma criança pode se voltar para o comportamento homossexual.<sup>66</sup> “Elas podem decidir que . . . infidelidades são normais e que o casamento é simplesmente impossível. E além do mais elas

---

<sup>58</sup>Berger at 134-35.

<sup>59</sup>Pittman at 262.

<sup>60</sup>Berger at 131.

<sup>61</sup>Pittman at 262.

<sup>62</sup>Pittman at 263. *See also* Dobson at 110 (ao descrever tentativa de suicídio aos treze anos após a infidelidade parental).

<sup>63</sup>“Um menino de treze anos que era um estudante nível A, começou a ir mal no segundo grau. Um teste de inteligência, anterior, o colocava no grupo ‘superior’. O psicólogo da escola fez novo teste e seu índice decaiu para o nível ‘fraco normal’. Este menino amava seu pai que havia saído para viver com outra mulher. . . .” Berger at 131.

<sup>64</sup>Pittman at 263.

<sup>65</sup>Pittman at 263.

<sup>66</sup>Dobson at 124-125.

podem até decidir desistir por completo do sexo oposto.”<sup>67</sup> Os pais servem de fontes críticas do aprendizado dos papéis sexuais para suas filhas e filhos. A infidelidade é uma doença inter-geracional, na medida em que as crianças aprendem de seus pais a enganar e serem infiéis no casamento, e conforme as crianças se casem, elas frequentemente imitam a infidelidade aprendida.

“Mais comumente [crianças de um pai adúltero] também perdem sua fé no casamento . . . Elas podem decidir que . . . as infidelidades são normais e que o casamento é simplesmente impossível.”<sup>68</sup> “Uma menina crescendo com as infidelidades de ambos os pais provavelmente vai desconfiar do casamento, e será contra o casamento atacando o dos outros. Ela estará um tanto propensa a evitar casar-se e a ficar disponível como parceira para um caso, em uma posição móvel e independente.”<sup>69</sup> Como Dr. Janis Abrahm Springer o descreve: “Muito depois da infidelidade ter sido conhecida, ou colocada de lado, [crianças] podem ainda estar amedrontadas, podem estar ainda abrigando sentimentos negativos sobre [si mesmas] e carregando-os .... para [seus] relacionamentos mais íntimos. Crivadas pela insegurança, [elas] podem ter problemas em perceber [a si próprias] como valiosas, dignas de amor, seres humanos especiais. Não é fácil de amar , ou ser amado, quando sentimentos de abandono, anulamento, ou traição estão no centro do [próprio] sentido de si mesmo.”<sup>70</sup> Ou a infância vítima do adultério parental pode “sem o saber . . . buscar alguém que trate [dela] de uma maneira que reproduza [sua] experiências anteriores . . . . Mesmo que [seu] parceiro esteja comprometido com [elas], ainda assim [elas] provavelmente lerão no comportamento daquela pessoa o que [elas] estão programadas para ver, e de reagir de formas que reforcem [suas] concepções.”<sup>71</sup>

Portanto, a evidência vinda da ciência social indica que a infidelidade fere as crianças de modo a lhes causar intensa dor e sofrimento duradouro, e leva a problemas sociais.

#### IV. *Porquê as Famílias Importam para a Sociedade*

Nós vivemos na idade do individualismo. O Brasil, como os Estados Unidos, tem uma forte tradição que exalta o individualista vigoroso, que quer desafiar a convenção existente para encontrar um caminho novo e melhor. Sociedades progressistas supervalorizam a inovação, a experiência, e a melhoria. Sociedades livres fomentam e

---

<sup>67</sup>Pittman at 266-267.

<sup>68</sup>Pittman at 266.

<sup>69</sup>Pittman at 269.

<sup>70</sup>Spring at 125 (1996).

<sup>71</sup>Spring at 127.

encorajam o exercício da liberdade pessoal e protegem aqueles que querem ser diferentes, que querem tentar caminhos diferentes. Não é de se estranhar que estruturas familiares alternativas apareçam em sociedades que são livres e progressivas nesta época de individualismo.

No entanto, há uma diferença significativa entre maturidade e imaturidade em buscar o individualismo, progresso e liberdade, entre inteligência e impulsividade. Sociedades e indivíduos que tem maturidade e força, têm a sabedoria em ter uma visão de longo alcance e favorecer instituições e benefícios que podem levar anos, mesmo gerações para se desenvolver. Imediatismo, impaciência e impulsividade são sinais clássicos de imaturidade e fraqueza. Assim, o tipo de estruturas familiares refletem, em certa medida, a maturidade e a força de uma sociedade. O casamento e a criação de filhos no casamento requer compromissos de longo termo, e paciência e força de deixá-los crescer e florescer vagarosamente.

A relação entre as famílias e o bem estar dos indivíduos, e da sociedade em geral, tornou-se obscura. A visão popular entre os autores que fazem uma revisão crítica das leis Americanas parece ser a de que o governo deve aceitar como “casamento” ou “família” qualquer relacionamento que os parceiros queiram chamar de um “casamento” ou uma “família”. Alguns escritores, e mesmo juizes, asseveram que princípios de equidade ou privacidade requerem que o estado trate todas as relações como iguais, sem dar qualquer preferência especial para os casamentos.

Contudo, nunca antes na história do mundo houve tanta evidência de que as sociedades prosperam e florescem quando o casamento e a criação de filhos é forte e segura, e que os problemas sociais proliferam com a desintegração do casamento e da família. O Professor Robert Putnam, de Harvard, estudou os governos locais na Itália e verificou que a qualidade destes governos locais refletia a virtude das pessoas que eram governadas.<sup>72</sup> A teoria de governo de “virtude cívica” ou “humanismo cívico” ensina que melhores pessoas fazem melhores cidadãos, e que melhores cidadãos produzem governos e sociedades melhores. Famílias melhores, é claro, produzem melhores indivíduos que são melhores cidadãos. As famílias podem existir sem a sociedade, mas nenhuma sociedade estável e duradoura pode existir por muito tempo sem a família.<sup>73</sup>

Realmente, “a família é a própria sementeira da democracia. O lar é o lugar de onde tiramos as nossas primeiras idéias sobre nós mesmos, nossas atitudes para com as outras pessoas, e nossos hábitos de enfrentar e

---

<sup>72</sup>Robert D. Putnam, Robert Leonardi & Rafaella Y. Nanetti, *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy* (1993).

<sup>73</sup>*Ver de forma geral* Will Durant, *The Story of Civilization, Part 1, Our Oriental Heritage* 30 (1938).

resolver os problemas.”<sup>74</sup> É no lar que as crianças aprendem lições a respeito da cooperação e compromisso, do compartilhar e do sacrifício, lealdade e obediência para com o não obrigatório mas que forma o alicerce para o auto-governo. É de seus pais que as crianças aprendem a tirar o melhor das deficiências, como importar-se pelos outros, como ser felizes, amar a liberdade, cumprir os próprios deveres, e as habilidades cruciais de respeito mútuo e cooperação.<sup>75</sup> É no casamento e na criação de filhos que a maioria dos adultos reaprende a importância e refinam o regozijo de sacrificar-se pelos outros, como realmente preocupar-se com próxima geração, em ver além do presente, em cultivar o fundamental da vida e da comunidade. A interconectividade de nossas vidas, a primeira lição de todo governo, especialmente do auto-governo, é aprendida primeiramente e mais completamente em casa, A casa é a primeira e mais importante escola da democracia. É em casa que a *confiança* nos outros e no futuro é nutrida – ou obstruída -- e este é o pré-requisito indispensável para a democracia.

A Suprema Corte dos Estados Unidos tem descrito repetidamente a conexão entre a família e a ordem social. Em *Reynolds v. United States*,<sup>76</sup> a Corte sustentou: "Pode-se dizer que a sociedade se constrói no [casamento], e de seus frutos nascem as relações sociais e obrigações sociais e deveres, com os quais o governo tem necessariamente de lidar." Em *Murphy v. Ramsey*, a Corte declarou que “a família, como fundando-se e nascendo da união para a vida de um homem e uma mulher no estado sagrado do matrimônio; a segura fundação de tudo que é estável e nobre em nossa civilização; a melhor garantia desta moralidade reverente que é a fonte de todo progresso benéfico no movimento político e social.”<sup>77</sup> Em *Maynard v. Hill* Juiz Field observou que “o [casamento, como criador da mais importante relação na vida, [tem] mais a ver com a moral e civilização de um povo do que qualquer outra instituição, tendo sempre sido sujeito ao controle pela legislação." No caso de direitos civis, *Loving v. Virginia*, que foi um marco, a Corte declarou: “O casamento é um dos “direitos civis básicos do homem”, fundamental para a nossa própria existência e sobrevivência.”<sup>78</sup> Em *Boddie v. Connecticut*,<sup>79</sup> a Corte enfatizou que o "casamento envolve interesses de importância básica em nossa sociedade, " porque é relativo ao interesse do Estado na “estabilidade da ordem social, . . . aos bons costumes de todos os cidadãos, e . . . às necessidades das

---

<sup>74</sup>Christine Beasley, *Democracy in the Home* 25 (1954).

<sup>75</sup>*Id.* at 12 ("O sentimento básico de respeito por todos os indivíduos humanos, independentemente da idade ou status ou peculiaridades pessoais, é a verdadeira pedra angular da democracia.")

<sup>76</sup>98 U.S. 145, 165 (1878).

<sup>77</sup>114 U.S. 15, 45 (1885).

<sup>78</sup>388 U.S. 1, 12 (1967).

<sup>79</sup>401 U.S. 371, 376 (1971) (invalidando o requerimento que partes indigentes pagassem pelas taxas de pedido de divórcio).



crianças de lares desfeitos.”<sup>80</sup> Se mesmo a materialista Suprema Corte dos Estados Unidos pode ver isto, o nexo entre casamento e bem estar social deve ser aparente para todo o mundo.

#### V. *Conclusão*

Algumas vezes nós deixamos de ver o essencial. Nós percebemos o quão alto o edifício está, mas deixamos de ver a fundação profundamente enterrada; nós percebemos o bonito exterior e negligenciamos a estrutura interior. A família baseada no casamento, a criação dos filhos no casamento, e a integridade familiar são a infraestrutura da civilização, os fundamentos de qualquer sociedade bem sucedida.

A sociedade tem um interesse em promover estruturas familiares que produzam os tipos de resultados positivos e socialmente benéficos que advém do casamento, da criação dos filhos no matrimônio, e da integridade marital (estabilidade e fidelidade). Desvios significativos destes fundamentos resultam em perda de produtividade, aumento de gastos públicos com medicamentos, serviços de saúde, previdência social, e assistência social, maior peso na educação pública, em cortes juvenis, e muitos outros custos sociais do comportamento disfuncional de adolescentes, de lares desfeitos, que se debatem. Assim, a sociedade tem interesse mensurável e direto em favorecer casamentos bons, felizes, e famílias amorosas, estáveis.

---

<sup>80</sup>401 U.S. at 389.

Conseqüentemente, precisamos *redescobrir* o grande valor do casamento e das famílias para os indivíduos e para a sociedade. Devemos abertamente celebrar a maravilhosa instituição das famílias baseadas no casamento. Os estudiosos devem pesquisar e escrever a respeito disto. Nós devemos enfatizar que a família é a unidade primária de associação para os indivíduos e a unidade fundamental da sociedade. O casamento tradicional é a fundação das relações de companherismo mais estáveis e seguras e o ambiente mais promissor, e geralmente bem sucedido, para a criação de filhos. O casamento é o melhor protetor da felicidade das famílias e dos indivíduos e da estabilidade da sociedade. A família baseada no casamento é a mais promissora forma de família, a ideal. Não é uma instituição perfeita (nenhuma instituição humana é), mas ela geralmente funciona melhor do que qualquer outra forma ou estrutura para nutrir uma associação humana íntima interdependente.

“É necessária uma aldeia” para ajudar o sucesso de muitos casamentos; há épocas em todos os casamentos em que o sistema social de suporte é necessário para ajudar as partes a elaborarem alguns desafios e dificuldades. Nosso tempos são muito duros para os casamentos; casais casados experimentam muito estresse. É cada vez mais difícil para um homem e uma mulher, por si sós, fazer um casamento dar certo por causa das intensas pressões sociais que afastam esposos e esposas. Portanto, é necessária uma aldeia para ajudar muitos casamentos a perdurarem. A comunidade precisa encorajar os jovens a encontrar a fé e a coragem para dar uma chance ao casamento, ajudá-los a se prepararem para o casamento, levantar sua confiança no casamento ajudando-os a adquirir as habilidades que intensificarão seus casamentos, e ajudá-los a elaborar o desapontamento que surge em todos os casamentos, sem desistir, e sem reagir de formas que causem danos irremediáveis para a relação com aqueles que amamos.

Há indicativos que está se iniciando um renascimento de respeito renovado pelo casamento e pelas famílias baseadas no casamento. Sejamos nós uma parte deste despertar e contribuamos para o aumento de literatura acadêmica e profissional que reconhece o valor e a importância do casamento e da criação de filhos no casamento para o nosso próprio bem, de nossas crianças e de nosso países.